



**FACULDADE DE INHUMAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE INHUMAS**

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MAGDYELLY MARQUES DOS SANTOS

BIRIBOL: MODALIDADE DE LAZER PARA SURDOS

**INHUMAS-GO
2020**

MAGDYELLY MARQUES DOS SANTOS

BIRIBOL: MODALIDADE DE LAZER PARA SURDOS

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Faculdade de Inhumas (FACMAIS), como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.
Professor orientador: Esp. Marcelo Galdino de Melo.

INHUMAS – GO
2020

MAGDYELLY MARQUES DOS SANTOS

BIRIBOL: MODALIDADE DE LAZER PARA SURDOS

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DO(S) ALUNO(S)

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Faculdade de Inhumas (FACMAIS), como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Inhumas, 18 de Novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof Esp. Marcelo Galdino de Melo – FacMais
(Orientador e presidente)

Prof Esp. Ezequiel Pereira Lima – FacMais
(Membro)

Dedico esta monografia a minha mãe Marta e a minha avó Maria, por sempre estarem ao meu lado, me incentivando, apoiando, acreditando em mim e por nunca me deixarem desistir.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me dar saúde, forças, paciência e sabedoria, sem ele eu nada seria.

Aos familiares Magda, José Márcio, Vanusa, Rejane e Sebastião e aos demais que fizeram parte diretamente ou indiretamente, pelos incentivos e ajuda.

Aos orientadores Marcelo Galdino e Epaminondas Rodrigues, por toda paciência e dedicação.

Aos professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, por toda mediação de conhecimentos e vivência, foram momentos incríveis! E ao professor Ezequiel Pereira, por aceitar ser o leitor do meu trabalho.

Aos colegas de curso Marcus Vinícius, Júlio César, Tainá, Leonardo, Werlen, Tiago, Marcos Vinícius, Bruno e Felipe, por estarem juntos comigo sempre, nos bons e maus momentos.

Ao meu amigo Christianno por me ajudar sempre, a minha amiga Gislene, aos meus colegas de trabalho e aos meus patrões Rosa e Daniel, por toda compreensão e disponibilidade.

A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades.

Paulo Freire.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM	Associação Cristã dos Moços
CBDS	Confederação Brasileira de Desportos de Surdos
CBV	Confederação Brasileira de Voleibol
COE	Comitê Olímpico Espanhol
FIVB	Federação Internacional de Volleyball
ICSD	Comitê Internacional de Desporto de Surdos
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 Piscina oficial de biribol.....	29
Imagem 2 Bola oficial de biribol.....	29
Imagem 3 Tela de aceite – “GOOGLE FORMS” – Anexo 3.....	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	34
Gráfico 2	35
Gráfico 3	35
Gráfico 4	36
Gráfico 5	36
Gráfico 6	37
Gráfico 7	37
Gráfico 8	38
Gráfico 9 – $1/3$	39
Gráfico 9 – $2/3$	40
Gráfico 9 – $3/3$	40
Gráfico 10	40
Gráfico 11	41

RESUMO

O presente trabalho refere-se a um esporte aquático, o biribol, tendo como objetivo geral apresentar a modalidade esportiva e estabelecer uma proposta sobre inclusão dos surdos no lazer e recreação. Os métodos utilizados para essa pesquisa foram a abordagem qualitativa, descritiva, através de referências bibliográficas, hipotético-dedutivo, revisão bibliográfica e questionário como instrumento de coleta de dados. Com essa pesquisa, chegamos a conclusão que o biribol ainda é uma modalidade esportiva pouco conhecida e não faz parte dos esportes aplicados na maioria das escolas devido a falta de estrutura e recursos materiais. Concluímos apontando a necessidade da inclusão do biribol nas escolas e no esporte, juntamente com as devidas adaptações nas sinaléticas para que os surdos possam desfrutar do esporte tanto quanto os ouvintes.

Palavras-chave: Escola. Biribol. Surdos. Inclusão. Adaptação.

ABSTRACT

The present work refers to an aquatic sport, Biribol. Having as general objective to present the sport modality and to establish a proposal to include deaf people in leisure and recreation. The methods used for this research were the qualitative, descriptive approach through bibliographic references, hypothetical-deductive, bibliographic review and questionnaire as an instrument of data collection. With this research, we came to the conclusion that Biribol is still a little known sport and is not part of the sports practiced in most schools due to the lack of structure and material resources. We conclude by pointing out the need for the inclusion of Biribol in schools and sports, together with the necessary adaptations in signaling so that the deaf can enjoy the sport as much as the listeners.

Keywords: School. Biribol. Deaf. Inclusion. Adaptation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 VOLEIBOL: ORIGEM, HISTÓRIA E DESDOBRAMENTOS	15
1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DO VOLEIBOL.....	15
1.1.2 VOLEIBOL E SUA PRÁTICA EM TERRITÓRIO BRASILEIRO.....	17
1.2 FUNDAMENTOS BÁSICOS DO VOLEIBOL.....	19
1.3 A evolução do voleibol.....	20
2 A INCLUSÃO DO VOLEIBOL NA ESCOLA E NO ESPORTE	23
2.1 VOLEIBOL PARA SURDOS.....	23
2.1.2 A inclusão do voleibol na comunidade surda	24
2.2 A ORIGEM DO BIRIBOL.....	27
3 O BIRIBOL COMO ATIVIDADE DE INCLUSÃO DOS SURDOS NA ESCOLA E NO ESPORTE (ANALISE E REFLEXÕES)	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS	49

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma pesquisa que tem como finalidade apresentar uma modalidade esportiva pouco conhecida: o biribol. Semelhante ao voleibol, o biribol é uma atividade física que contribui com a inclusão no esporte e na sociedade. Sendo assim, escolhemos falar sobre ele porque visa atender várias deficiências, tais como física, auditiva e mental (a que focaremos essa pesquisa), sem distinção de idade, gênero ou raça, contribuindo para a qualidade de vida.

Esta pesquisa se organiza em 3 capítulos. O primeiro abordará a origem, história e desdobramentos do voleibol, visto que é a partir desse esporte que foi criado o biribol. Para essa análise, cabe-nos, portanto, aprofundar o conhecimento científico de forma descritiva através de referências bibliográficas com leitura de livros e artigos. Para Lakatos & Marconi (2003) esse processo “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”.

Estudar esse esporte exige, ainda no primeiro capítulo, o estudo do método hipotético-dedutivo, que segundo Lakatos & Marconi (2003), “se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipótese e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese”.

No segundo capítulo do trabalho, falaremos sobre a inclusão do voleibol na escola e no esporte, e sobre a sua inserção na comunidade surda. Sendo assim, nesse momento do texto, apresentaremos a modalidade esportiva biribol e uma proposta sobre inclusão dos surdos no lazer e recreação, bem como abordar o processo histórico do voleibol e o voleibol de surdos. Apresentaremos também a história do biribol e como é possível propor a inclusão dos surdos na escola e no esporte através dessa modalidade.

Finalmente, para tornar possível uma análise de dados, contamos com o questionário semiestruturado como instrumento de coleta de dados, onde foram elaboradas perguntas abertas e fechadas (LAKATOS & MARCONI, 2003). Este instrumento foi aplicado (via Google Forms) a vinte e oito professores de educação física em diversas cidades do estado de Goiás. Para que pudéssemos alcançar os objetivos propostos e conseguíssemos responder à nossa questão problema, será que os surdos conhecem o Biribol como uma modalidade esportiva e alternativa para

o lazer e recreação? Assim com esta nossa pergunta que nos desafiou... realizamos, através da abordagem qualitativa, um questionário semiestruturado, que segundo Ferreira (2015) “possibilita ao pesquisador desvelar e interpretar a fala dos entrevistados”.

A partir dos resultados obtidos em nossa análise, concluímos que essa pesquisa vai contribuir para a ampliação do conhecimento dessa modalidade dentro e fora do ambiente científico, visando adquirir mais espaço para sua divulgação e realização no ambiente escolar. Para a sociedade, é importante saber que é um esporte acessível e fácil de ser praticado, pois não é necessário saber nadar e pode ser praticado por qualquer idade após a inicialização.

O biribol é um esporte aquático semelhante ao voleibol, mas possui regras, materiais e maneiras de jogar próprias e democráticas. É um esporte recreativo, educativo e inclusivo, pois aceita qualquer idade, raça, gênero, altura, porte físico e não é necessário saber nadar (DUARTE, 2003). Já o voleibol é um esporte jogado em uma quadra, dividido por uma rede e disputado por duas equipes. Seu objetivo é fazer com que a bola ultrapasse para a quadra adversária por cima da rede através de toques, de forma a fazê-la tocar o chão.

A adaptação do biribol para surdos é vista não só como uma maneira de incluí-los no esporte, mas também para que tenham autonomia, convívio social, aumentando a autoestima, melhorando a qualidade de vida e o desenvolvimento pessoal, motor e psicológico (VIEIRA; VISSOCI; OLIVEIRA; & VIEIRA, 2010). Este esporte é inclusivo e com benefícios para a saúde e convívio social, pois contribui para a melhoria da função cardiovascular, auxilia na manutenção de redução de peso, melhora o desenvolvimento físico, diminui o risco de lesões. No âmbito psicossocial, promove a socialização entre os participantes, alivia os sintomas da ansiedade e stress e melhora a qualidade de vida, porém é pouco conhecido pela população. A partir disto, minha pesquisa foi motivada através da questão problema: “Será se os surdos conhecem o biribol como uma modalidade esportiva e alternativa para o lazer e recreação?”.

1. VOLEIBOL: ORIGEM, HISTÓRIA E DESDOBRAMENTOS

Apresentaremos, neste capítulo, toda a história que o voleibol perpassou, bem como sua origem e seu desenvolvimento, além de falarmos sobre as várias formas utilizadas anteriormente para chegar ao que chamamos hoje de voleibol.

O voleibol foi criado pelo americano Willian G. Morgan em nove de fevereiro de 1895 em Holyoke, Massachusetts, nos Estados Unidos. Com o intuito de atender as necessidades dos associados mais velhos da Associação Cristã de Moços (ACM), criou um jogo que não exigia muito esforço físico, mas que também pudesse ser praticado no inverno, chamando-o de *mintonette*, o primeiro termo usado para o voleibol (DUARTE, 2003).

Segundo Duarte (2003), o voleibol foi criado com base no tênis e no handebol. Morgan colocou uma rede de aproximadamente 1,90m de altura no centro da quadra para que a bola fosse jogada através de toques com as mãos de um lado para o outro. No início não haviam limitações quanto ao número de jogadores, regras e nem o tipo de bola adequada para o novo esporte. Após algumas tentativas, criou-se uma bola que satisfizesse as necessidades do jogo, em seguida notaram que o movimento da bola mantida no ar era uma espécie de voleio, devido ao seu toque no ar de um lado para o outro. Foi nesse momento que surgiu a ideia de rebatizá-lo como *volleyball* (DUARTE, 2003).

1.1 O Contexto Histórico do Voleibol

Willian G. Morgan começou a pensar em como esse jogo poderia ser praticado e buscou elaborar um jogo que pudesse ser jogado em ginásios. Aproveitando a rede usada no tênis, ele modificou a altura em que era colocada, posicionando-a a 1,98m de altura. Pensando nos materiais a serem usados, começou a jogar com uma bola de câmara de ar de basquete, mas não deu certo porque era muito leve. Em seguida, tentou com a própria bola de basquete, que também não deu certo porque era muito pesada. Com todas essas tentativas fracassadas, solicitou a uma empresa que criasse uma bola sem muito peso e tamanho específico para aquele jogo.

O *mintonette* (primeiro termo usado para o voleibol) era jogado por duas equipes inicialmente sem números definidos de jogadores. Com o tempo, passou a

ser jogado por nove participantes divididos em três colunas, tendo como objetivo passar a bola de um lado para o outro, por cima da rede sem que caísse no chão. (BULGARELLI, 2017).

Para criar as regras, Morgan contou com a colaboração dos professores da Associação Cristã de Moços (ACM) Dr. Frank Wood e Jhon Lynch. Um ano depois, Morgan foi convidado para demonstrar seu jogo para todos os diretores de Educação Física que faziam parte da (ACM). Morgan aproveitou a oportunidade para enfatizar que, apesar de ter planejado o jogo para ginásio, ele poderia ser realizado também em outros lugares. Com isso, os diretores puderam colaborar para a melhoria da modalidade e a primeira mudança foi sugerida pelo professor Alfred T. Halstead, que propôs a mudança do nome para *Volley Ball*. Em 1952 houve uma alteração na escrita, passando a ser *Volleyball*. (BULGARELLI, 2017).

O sucesso do voleibol era tão grande, que a sua ascensão foi muito mais rápida do que diversas outras modalidades mais antigas que não conseguiram se organizar para se desenvolver tão bem. Um dos principais fatores que contribuíram para esse desenvolvimento foi a fácil realização do jogo e a possibilidade de se jogar em outros ambientes, além de ginásios. Será que essa possibilidade não deu origem a outras modalidades? (BULGARELLI, 2017, p.13).

A partir de 1900, a modalidade começou a ser praticada e desenvolvida por diversos países. Foram surgindo campeonatos e com eles a necessidade de criar federações nacionais. Posteriormente, com o crescimento e sucesso do voleibol, foi necessária a criação de uma federação internacional de *volleyboll*. Em 1947, o Sr Paul Libaud idealizou um encontro com quatorze representantes de diferentes países, sendo eles: Brasil, Bélgica, Egito, França, Holanda, Hungria, Itália, Polônia, Portugal, Romênia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Estados Unidos e Uruguai e propôs a criação da Federação Internacional de Volleyboll (FIVB), na qual presidiu até o ano de 1984, em Paris. (BULGARELLI, 2017).

Em 1918, perceberam que não havia necessidade de nove jogadores em quadra e reduziram a quantidade de jogadores por equipe para seis pessoas. Em 1922, foi definido a quantidade máxima de toques na bola por vez para cada equipe, três toques independentemente do local que ela tocasse o corpo. (BULGARELLI, 2017).

Dentre as suas funções, a Federação Internacional de Volleyboll (FIVB) tinha como objetivo, além da regulamentação, a organização e promoção de campeonatos.

A primeira organização oficial foi o campeonato mundial de voleyboll no ano de 1949. Nesse ano, o voleyboll prosseguiu sua elevação e teve seu maior prestígio com sua entrada no programa olímpico em 1959 e logo após a realização do primeiro torneio olímpico, nas Olimpíadas de Tóquio, em 1964. Anfilo (2003) faz uma composição da evolução do voleibol a partir da criação da Federação Internacional de Volleyboll (FIVB). Para ele,

Superado o período de criação, expansão e afirmação do voleibol, pode-se destacar as décadas de 60 e 70, como as mais relevantes para a sua evolução, período este, que alavancou a sua universalização e espetacularização. A partir do início da década de oitenta, a FIVB se fortaleceu, passando a ter mais de cento e cinquenta nações filiadas, criando inúmeras competições internacionais, transformando o voleibol em um dos esportes mais praticados em todo o mundo. (ANFILO, 2003, p.16).

Da mesma maneira, Bizzocchi (2004) registra que na década de 60

o voleibol foi considerado o esporte mais popular em 25 países (incluindo Japão, Checoslováquia, União Soviética e China) dentre mais de cem filiados à Federação Internacional de Volleyboll (FIVB). Era o terceiro esporte coletivo mais praticado no mundo, possuindo número superior a 60 milhões de praticantes. (BIZZOCCHI, 2004 p.8).

1.1.2 Voleibol e sua Prática em Território Brasileiro

Antigamente, as outras modalidades tinham pouca visibilidade no Brasil, tendo como esporte predominante o futebol. Os investimentos no futebol eram muito grandes, traziam grandes marcas na divulgação, deixando-o cada vez mais conhecido. Mas com o tempo, surgiu uma modalidade diferente que trazia outra dinâmica de jogo, chamado voleibol (BULGARELLI, 2017).

No início, não foi fácil conseguir apoio rápido de investimentos, pois era um processo demorado e havia risco de não dar certo, além de possuir poucas pessoas preparadas para o treinamento dos atletas, o que era fundamental para a melhoria e desenvolvimento da categoria do esporte. (BULGARELLI, 2017).

Segundo Bizzocchi (2004, p. 23)

A popularização do voleibol trouxe um quadro diferente das décadas anteriores aos anos 90. As camadas sociais mais baixas tiveram

oportunidade de entrar no esporte até então considerado 'de elite' e o nível cultural do atleta profissional caiu em razão do abandono dos estudos para dedicar-se integralmente ao profissionalismo.

A primeira partida realizada no Brasil aconteceu em Pernambuco, no Recife, no Colégio Marista em 1915, organizada pela Associação Cristã de Moços local (ACM). O primeiro campeonato nacional aconteceu alguns anos depois da chegada do voleibol no Brasil, mais especificamente no ano de 1944, contando com a participação de seis equipes femininas e oito masculinas (MEZZAROBA; PIRES, 2011).

Em 1954 foi criada a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), tendo como objetivo expandir e desenvolver o esporte no país. Com a finalidade de manter o voleibol no Brasil, que já estava sendo considerado o segundo esporte de preferência do país, a Confederação Brasileira de Voleibol instalou em 2003 o Centro de Desenvolvimento do Voleibol Brasileiro, em Saquarema – Rio de Janeiro, para erguer uma verdadeira “fábrica de craques”, que visava o aperfeiçoamento dos atletas (MEZZAROBA; PIRES, 2011).

Desde a sua criação até os dias atuais, as regras da modalidade passaram por algumas alterações a partir da Federação Internacional de Voleibol.

Segundo Marques Júnior (2010), vejamos algumas alterações mais relevantes:

- 1988 – O 5º set é jogado pelo tie-break, com intenção de reduzir a duração das partidas e proporcionar um produto mais chamativo para a transmissão da TV.
- 1994 – É permitida a defesa com qualquer parte do corpo com o intenção de manter a bola mais tempo no ar, o jogador pode tocar na rede se não estiver participando da jogada, a bola pode tocar na rede evitando que o jogo tenha menos suspensão e a linha de serviço está em toda quadra para gerar um serviço mais empenhado e facilitar o recuo do sacador para a defesa.
- 1996 – A bola, caso cruze a rede por fora da antena, pode ser recuperada, permitindo que a bola fique mais tempo no ar, proporcionando mais emoção para o público.
- 1998 – As partidas são jogadas sem benefício, com marcador de até 25 pontos ou 2 pontos de diferença. O 5º set é através do tie-break de 15 pontos ou 2 de vantagem. Esse marcador sem benefício torna a partida mais breve e facilita o entendimento do jogo para o público. Todas as partidas possuem tempo técnico

obrigatório de 1' no 8º e no 16º ponto (isso só não ocorre no tie-break) para permitir um pouco de repouso aos atletas, comercial da TV e mais instrução dos treinadores. Cada equipe tem direito a um pedido de tempo de 30" para o técnico passar as variações táticas. É incluído o líbero, atleta que age no passe e na defesa, com o intuito da bola ficar mais tempo no ar. Os técnicos podem mover em frente ao banco de reservas e dar instruções com intenção de facilitar o trabalho dos jogadores. A bola passa a ser colorida para gerar melhor visualização no ato de passar e defender o ataque. (MARQUES JÚNIOR, 2010).

Em meio ao voleibol de ginásio ou de quadra, surgiram várias outras variações da modalidade, como por exemplo o vôlei de praia ou vôlei de areia, jogado por dois ou quatro jogadores de cada lado, o vôlei sentado, que faz a inclusão de pessoas com deficiência física nos membros inferiores, estando sentados no chão, pode ser jogado de três ou seis participantes, o vôlei de piscina, reconhecido como Biribol, que envolve quatro pessoas de cada lado e o vôlei adaptado que, com algumas modificações, faz a inclusão de pessoas que possuem alguma deficiência, como por exemplo, a surdez.

1.2 Fundamentos Básicos do Voleibol

Segundo Marques Júnior (2013) os fundamentos são:

- saque – onde se inicia a partida do jogo. O jogador deve estar atrás da linha de fundo da quadra e acertar a bola de forma a fazê-la atravessar acima da rede para a quadra adversária;
- recepção – é realizada através do toque ou da manchete, com a tentativa de evitar com que a bola toque sua quadra, seu principal objetivo é controlar a bola e fazê-la chegar em boas condições para o levantador;
- levantamento – normalmente é o segundo contato do time com a bola e é a ação preparativa para a finalização da jogada ofensiva da equipe, ou seja, o ataque;
- ataque - em geral, é o terceiro contato do time com a bola e tem como objetivo fazer a bola aterrissar na quadra adversária;
- bloqueio – é a jogada de defesa ao ataque com braços estendidos para cima da rede, tentando impedir a passagem da bola do adversário;

- defesa – tenta impedir o ataque adversário para que a bola não toque o chão ao passar pelo bloqueio.

Assim como os fundamentos, as regras sofreram várias alterações e evoluções, a última alteração ocorreu segundo a CBV (Confederação Brasileira de Voleibol, 2016) no 35º Congresso da FIVB de 2016, mas tais alterações somente vieram a valer para os anos de 2017 até 2020. As partidas envolvem duas equipes que disputam em ginásio coberto. A quadra mede 18m de comprimento por 9m de largura, dividida por uma linha central. A rede é medida no centro da quadra e sua altura varia de acordo com cada categoria no feminino e masculino (DUARTE, 2003).

O voleibol, conhecido popularmente por vôlei, é jogado com duas equipes sendo doze jogadores em quadra e possui algumas variações, tais como:

Vôlei de praia - utiliza apenas dois ou quatro jogadores de cada lado;

Vôlei sentado - que faz a inclusão de pessoas com deficiência física nos membros inferiores, jogando sentados no chão e pode ser jogado de três ou seis participantes e;

Vôlei de piscina - reconhecido como Biribol, que envolve quatro pessoas de cada lado.

1.3 A Evolução do Voleibol

Vejam abaixo a evolução do voleibol até os dias atuais.



- 1895 – ano em que o professor de educação física Willian G. Morgan criou o voleibol. (BULGARELLI, 2017, p. 12);
- 1896 - Morgan foi convidado a apresentar seu jogo para os diretores de educação física da Associação Cristã dos Moços (ACM). Nessa apresentação, destacou que o voleibol poderia ser praticado em qualquer lugar, com o objetivo de espalhar o jogo. (BULGARELLI, 2017. p. 12);
- 1900 - foi praticado pela primeira vez no Canadá e, posteriormente, vários outros países começaram a praticar e desenvolver a modalidade. (BULGARELLI, 2017, p. 12);
- 1915 - desenvolvimento em amplo território brasileiro. (BULGARELLI, p. 15);
- 1947 - fundação da Federação Internacional de VolleyBall (FIVB) (BULGARELLI, p. 13);
- 1949 - foi realizada a primeira competição oficial organizada pela FIVB, o campeonato mundial de voleibol na categoria adulto masculino. (BULGARELLI, p. 13);
- 1952 - foi realizado o primeiro campeonato mundial na categoria adulto feminino. (BULGARELLI, p. 13);
- 1954 - criação da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV). (BULGARELLI, p. 15);
- 1959 - O voleibol continuou sua elevação e teve a sua glória maior com a entrada no programa olímpico. (BULGARELLI, p. 13);
- 1964 - realização do primeiro torneio olímpico nas Olimpíadas do Japão, em Tóquio. (BULGARELLI, p. 13);
- 1975 - organização e divulgação aliada na Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), tornando o voleibol a segunda modalidade mais praticada no Brasil. (BULGARELLI, p. 16);
- 1982/1984 - conquista dos vice-campeonatos, Mundial e Olímpico. (BULGARELLI, p. 16);
- 1992 - consagração final com o título inédito olímpico nas olimpíadas de Barcelona. (BULGARELLI, p. 16);
- 1993 - o Brasil foi consolidado como a principal potência do esporte com a conquista da Liga Mundial de Vôlei (masculino). (BULGARELLI, p. 16);
- 1994 - primeira conquista do Grand Prix de vôlei feminino. (BULGARELLI, p. 16);

- 2004 - conquista da seleção masculina nas olimpíadas, em Atenas (Grécia). (BULGARELLI, p. 16);
- 2008 - bicampeonato olímpico da seleção feminina, em Pequim (China). (BULGARELLI, p. 16);
- 2008 - a seleção masculina foi vice-campeão nas olimpíadas, em Pequim (China). (BULGARELLI, p. 16);
- 2012 - a seleção feminina conquistou 11 vezes o Grand Prix de Vôlei, em Londres (Inglaterra). (BULGARELLI, p. 16);
- 2012 - a seleção masculina conquistou 9 vezes a Liga Mundial de Vôlei e 3 vezes o Campeonato Mundial de Vôlei. (BULGARELLI, p. 16);
- 2012 - a seleção masculina foi vice-campeão nas olimpíadas, em Londres (Inglaterra). (BULGARELLI, p. 16);
- 2016 - conquista da seleção masculina nas olimpíadas, no Rio (Brasil). (BULGARELLI, p. 16).

2 A INCLUSÃO DO VOLEIBOL NA ESCOLA E NO ESPORTE

Neste capítulo, apresentaremos a inclusão do voleibol na escola e no esporte. Logo após, abordaremos o voleibol para surdos explicando sobre a deficiência auditiva e mostraremos a importância do voleibol para os deficientes auditivos, além, claro, de apresentar como deveria ser o jogo de vôlei para este público.

Segundo Sá Telles o voleibol é um esporte coletivo e inclusivo, fator que mesmo social ou cultural envolve e motiva as pessoas, mostrando-se muito favorável ao desenvolvimento da sua prática. Enquanto conteúdo escolar, o voleibol pode proporcionar a interação social do aluno e fazer com que se sinta mais determinado a aprender. Em meio a vários esportes escolares, o voleibol apresenta melhoria no relacionamento entre os colegas e ajuda no desenvolvimento de várias capacidades físicas dos praticantes, como agilidade, coordenação motora, velocidade, noção de tempo e espaço.

Na perspectiva da cultura corporal, entendemos que o ensino do voleibol na escola deve ser intensificado de modo que o aluno compreenda, aproprie-se e desfrute com autonomia a vivência dessa modalidade, tanto nas aulas de Educação Física quanto fora do contexto escolar. Por exemplo, nos momentos de lazer, como meio de cuidar da saúde e da estética e inclusive para o rendimento, se assim o desejar. Impolcetto e Darido (2018, p.10).

A prática esportiva como ferramenta de inclusão social adapta o esporte através de mudanças de regras e materiais que possibilitam aos praticantes com deficiência o seu melhor desempenho. Portanto, uma vez que os indivíduos conseguem se organizar em busca de um objetivo comum, eles começam se importar uns com os outros, a compreensão das habilidades e limitações de cada um, naturalmente acaba, tornando-se mais evidente. Assim, o indivíduo que possui alguma deficiência, pode passar a contar com a colaboração dos seus colegas.

2.1 Voleibol para surdos

Dado a escassez de registros escritos sobre o voleibol de surdos, pouco se sabe sobre como e quando essa modalidade começou a ser praticada. O que foi encontrado sobre as modalidades esportivas para os surdos é que eram organizadas

por ex-alunos do Grêmio do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Com o aumento da prática de esportes de surdos, houve a necessidade de criar associações que cuidassem apenas de jogos para surdos, assim surgiu a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) (CRUZ JÚNIOR, 2019).

De acordo com a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), o Comitê Internacional de Desportos de Surdos (ICDS), organizou a primeira surdolimpíadas em 1993. Em 2013, na Bulgária, as equipes brasileiras disputaram seis modalidades, entre elas o voleibol, que foi o primeiro esporte coletivo a participar pelo país.

Segundo Leite (2017), o Comitê Olímpico Espanhol (COE) determinou em 1994 que as regras do voleibol praticado por surdos não mudam em nada em relação ao praticado por ouvintes, o que chega a mudar é a arbitragem, porque sinais sonoros são substituídos por sinais visuais. Assim sendo, o voleibol para surdos apresenta objetivos que proporcionam a inclusão do indivíduo no esporte e na sociedade.

2.1.2 A inclusão do voleibol na comunidade surda

Nessa pesquisa, trabalharemos apenas com o sujeito surdo por entender suas dificuldades e necessidades de adaptação para se sentir incluído nas atividades físicas, como é o caso do voleibol.

Iniciaremos esta seção fazendo um breve apanhado histórico sobre o surdo e sua inserção na educação formal, para que depois possamos mostrar como o voleibol é um esporte com capacidades inclusivas e o quão importante ele se mostra para a participação de atividades físicas dentro dessa comunidade, além das modificações e adaptações necessárias.

O sujeito surdo ao longo da história foi visto como um problema social e levado até mesmo a morte. Os espartas viam o surdo como um sujeito “deformado ou retardado”, conseqüentemente, retiravam suas vidas de formas brutais por não o considerar como um sujeito normal na sociedade daquela época. Para outras sociedades como os Romanos, os surdos não tinham os mesmos privilégios que os não-surdos, retirando-se deles os direitos que todo cidadão possuía na época. Já os Egípcios viam os surdos como um sinal dos deuses. Somente com a chegada do cristianismo que os sujeitos surdos começaram a ter uma nova história (NASCIMENTO, 2006).

Há muitos anos atrás, a educação das crianças acontecia através dos conhecimentos que eram passados apenas de pais para filhos, este formato de ensino se manteve por muito tempo. Com o início da educação formal, as crianças eram levadas até as escolas como nos dias de hoje para participar de aulas com professores e demais alunos. Nesse momento, a escola, ao perceber que o aluno tinha algum tipo de deficiência auditiva, ensinava o alfabeto através de sinais e utilizava, muita das vezes, o desenho das letras do alfabeto, que muito foi criticado posteriormente por tentar fazer com que o surdo reproduzisse o alfabeto e não uma criação de sinais específicos, como acontece na Libras, hoje em dia (NASCIMENTO, 2006).

Atualmente, o surdo é aquele que, segundo Mataruna; Santos; Nogueira; Costa e Silva; Souza (2005), “tem uma diminuição da capacidade de percepção normal aos sons sendo considerado surdo o indivíduo cuja a audição não é funcional na vida comum e parcialmente surdo aquele cuja audição ainda que deficiente é funcional com ou sem prótese auditiva”.

O voleibol é um esporte que ganhou bastante destaque a partir das competições oficiais, jogado em equipe como é o caso do voleibol de quadra e em dupla no voleibol de areia. Em ambas as modalidades, ele se mostra fundamental nas atividades físicas por desenvolver nos participantes a consciência do trabalho em equipe, coordenação motora, além de outros fatores que se fazem muito necessários e presentes na vida de cada um, como a promoção a saúde.

Nessa perspectiva, a participação do indivíduo nesse tipo de atividade física o garante a movimentação do seu corpo e conseqüentemente a melhoria da sua qualidade de vida, pois além de ser um esporte oficial, muitas pessoas o utilizam para fins de lazer. Nesse sentido, o voleibol é capaz de promover a socialização, podendo diminuir os níveis de estresse e ansiedade (CUCIO, 2014). Em outras palavras, é importante que o sujeito surdo possa, também, utilizar dessa atividade física para que tenha os mesmos benefícios, mas para isso é importante que este esporte tenha algumas adaptações.

É evidente que, para que o surdo possa praticar esta modalidade esportiva e consiga se socializar, a comunicação entre seus pares é muito importante, principalmente, porque o jogo tem como característica principal o trabalho em equipe. A comunicação do surdo é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), através dela o

participante poderá se comunicar com os demais integrantes da equipe, promovendo a interação entre todos, sendo eles surdos ou ouvintes.

A LIBRAS é fundamental dentro de quadra, uma vez que é através dela que há a possibilidade em comunicar as armações das próximas jogadas e as técnicas que serão utilizadas dentro do jogo. Sendo assim, todos os participantes devem saber a língua de sinais para que todos estejam em sincronia e consigam, igualmente, participar do jogo (AMANCIO; PEREIRA; PASCINI; ALVES; SANTOS; ALVARENGA; OLIVEIRA; PINTO, 2020).

Além da comunicação em LIBRAS, a arbitragem também tem que ser adaptada. Segundo Leite (2017) “essa adaptação é feita substituindo o sinal sonoro por algum auxílio visual, como o uso de sinais luminosos ou acenos de bandeiras por parte dos árbitros durante uma partida”. Desta forma, o surdo conseguirá visualizar quando o árbitro fizer alguma intervenção e, assim, conseguirá entender qual a regra que estará sendo aplicada naquele momento, acompanhando toda a movimentação do jogo com autonomia.

Efetivamente, para que o surdo consiga desenvolver as habilidades no voleibol, é importante que, além de toda a interação com a equipe através da LIBRAS e a adaptação da arbitragem, o jogador surdo também receba ensinamentos técnicos através de seu treinador. De acordo com Leite (2017, p. 24) ao citar Xandó (2014):

As regras do vôlei para surdos são as mesmas do vôlei olímpico, bem como os seus treinamentos. A única diferença está na maneira como as instruções são repassadas e como os atletas se comunicam. [...] utiliza-se muito da própria linguagem de sinais do voleibol e, quando é necessário estudar posicionamento tático, as instruções são repassadas por vídeos e até mesmo desenhos em papel.

O uso dessas ferramentas descritas por Leite (2017) reforça a importância da adaptação para a inclusão do surdo no voleibol e corrobora para que o jogador surdo reconheça seu papel de valor dentro do jogo e o potencializa para uma possível profissionalização, que, anteriormente, não era viável.

Nessa perspectiva, o jogador surdo também tem capacidade para participar de campeonatos oficiais. Os esportes voltados para os surdos não estão presentes nas Paraolimpíadas porque, segundo Leite (2017), a comunidade surda possui sua própria olimpíada, a Deaflympics, que é organizada pelo Comitê Internacional de Desporto de Surdos (ICSD), que estimula os jogos apenas para pessoas surdas,

diferentemente da Paraolimpíadas que podem participar atletas com variados tipos de deficiências. No Brasil, os surdos têm a Confederação Brasileira de Desportos de Surdo (CBDS) que foi criada com o intuito de promover campeonatos voltados especificamente para este público dentro do território nacional (LEITE, 2017).

Tendo dificuldade ou não, o surdo sempre procura um meio de ser aceito na sociedade, e ele vê isso através do esporte, pois o esporte cria um elo entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte, possibilitando que haja mais conhecimentos sobre a identidade e cultura surda (LEITE, 2017, p.25)

Diante disso, vemos que o esporte é um meio utilizado pelo surdo para ser admitido na sociedade. Vimos, anteriormente, a dificuldade que eles enfrentaram ao longo de sua história para serem aceitos e quais os desafios que eles encontram nos dias atuais. Existe uma inclusão, porém ela ainda não abrange todos, pois o esporte não está presente em todas as escolas.

Assim como o voleibol, que é necessário fazer toda a adaptação para o atleta surdo, o Biribol também é um excelente esporte para que o surdo possa praticá-lo como atividade de lazer ou profissional, porém com as adaptações necessárias. Na próxima seção, apresentaremos o biribol com seu contexto histórico, bem como um diálogo teórico sobre sua adaptação para os surdos.

2.2 A Origem do Biribol

Falaremos agora da história do biribol, abordando a importância da modalidade, seus aspectos e benefícios para seus praticantes. Demonstraremos as medidas e equipamentos, regras, categorias, níveis de competições e fundamentos.

O biribol é uma modalidade esportiva aquática semelhante ao voleibol, genuinamente brasileiro, criado pelo professor Dario Miguel Pedro no ano de 1968, jogado por equipes, com caráter intuitivo, recreativo, educativo, coletivo e inclusivo e foi praticado como jogo amador até o ano de 1976. O jogo é fácil de ser praticado e não é necessário que o praticante saiba nadar, pois os jogadores ficam em pé e com apenas os membros inferiores submersos na água, proporcionando assim, melhoria na qualidade de vida como desenvolvimento físico, habilidades motoras, flexibilidade, noção de força e espaço, aumento da resistência do corpo, além de contribuir para a redução da ansiedade e do estresse. (DUARTE, 2003).

Segundo Duarte (2003) e Confederação Nacional de Biribol (CNBi), o Biribol possui regras, maneiras de jogar próprias e democrática, piscina com medidas e piso especiais, profundidade e altura da rede com variação própria para homens e mulheres, bola específica, postes de sustentação, equipamentos e níveis de categorias.

De acordo com a Confederação Nacional de Biribol (CNBi), a piscina é fabricada com fibras de vidro, com bordas reforçadas de 23 cm nas laterais e cantos arredondados, com área de 8m x 4m por 1,30m de profundidade, sendo dividida por uma linha central (imaginária), dividindo o campo em duas partes iguais. As duas linhas laterais separam a área de ataque e a área de defesa, e as duas do fundo delimitam a área do saque. Todas as linhas possuem 5 cm de largura, devem ser de cor clara e diferente da cor da borda da piscina.

A altura da rede é medida junto às laterais da piscina, devendo constar a mesma altura nas extremidades e sem exceder em mais de 1 cm a altura regulamentar. A altura da rede é de 2,62m para homens e 2,40m para mulheres. A rede masculina mede 1 m de largura, possui bandas laterais verticais de 7 cm de largura e 1 m de comprimento e a feminina 0,90 cm de largura, bandas laterais verticais de 0,90 cm e ambas possuem bandas laterais horizontais de 7 cm de largura e 4,5 de comprimento, colocadas uma na parte superior e uma na parte inferior.

Os postes de sustentação devem ser redondos e medir de 6 à 7 cm de diâmetro (não devem ser fixados ao solo através de cabos). São colocados verticalmente no eixo da linha central (imaginária) numa distância de 0,5 m a 0,8 m fora da borda superior da piscina, medir 1,50 de altura e ter fixado uma argola em suas extremidades para a rede masculina e outra argola 20 cm abaixo da que está na extremidade para a rede feminina.

IMAGEM 1 - Piscina oficial de biribol



Fonte: https://www.google.com/search?q=piscina+oficial+de+biribol&rlz=1C1RLNS_pt-BRBR904BR904&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKewiAj7DFm9PsAhVHu1kKHbR8BY0Q_AUoAnoECCEQBA&biw=1366&bih=600#imgc=4cjM2zCqdgRqvM

A bola é feita de material emborrachado, antiderrapante e aderente, pesa de 250g a 290g, o que melhorou o aspecto de defesa e bloqueio. Esse objeto esportivo foi aprovada pelo INMETRO e sua durabilidade é de mais ou menos um ano. As cores devem ser branco, amarelo ou azul e é fabricada pela marca PENALTY.

IMAGEM 2 – Bola oficial de biribol



Fonte: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/esportes/biribol>.

Os equipamentos se compõem de sungas para homens, maiô para mulheres e toucas para ambos. Caso solicitado pelo jogador, é permitido o uso de meias. As cores e os desenhos das sungas e maiôs devem ser iguais. As toucas devem ser todas da mesma cor, numeradas de 1 a 8 e ter estampas nas duas laterais. Os números devem ter cor viva e tamanho visível. Óculos (que não despedace as lentes) ou lentes poderão ser usados, mas com responsabilidade total do jogador.

As equipes são formadas por quatro (mínimo) ou oito (máximo) jogadores, um técnico, um assistente técnico, um preparador físico, um massagista e um médico. O capitão é um dos jogadores da equipe, não há identificação diferenciada dos demais, porém deve ser registrado na súmula. Apenas jogadores registrados na súmula do jogo podem entrar e participar da partida e não pode haver modificações na composição da equipe após o técnico ou capitão ter assinado a súmula do jogo. O capitão e o técnico são os responsáveis pela disciplina dos integrantes da equipe.

Os jogadores que não estiverem participando da partida deverão permanecer sentados no seu banco de reserva ou na sua área de aquecimento. O técnico e os demais membros também deverão permanecer no banco e somente o técnico pode abandonar o banco e passar instruções para os jogadores, desde que não atrapalhe o rendimento da partida. Apenas os membros que estão relacionados na súmula têm permissão para sentar no banco durante as partidas. Os bancos das equipes localizam-se no fundo da piscina, dentro da zona livre.

Os jogadores que não estiverem na partida podem fazer o aquecimento sem bola na área de aquecimento durante o jogo e, no intervalo dos sets, podem utilizar a bola dentro da área de zona livre.

Durante o jogo, é o capitão que exerce tal função, caso não esteja presente, o técnico ou um representante legal indica um jogador para exercer a função em jogo, assumindo as responsabilidades como capitão até que seja substituído, sempre tendo que conter um capitão dentro da piscina. Quando a bola está fora de jogo, apenas o capitão em jogo é autorizado a falar com os árbitros. Ao final do jogo, o capitão da equipe cumprimenta os árbitros e assina a súmula do jogo para confirmar o resultado.

Em seguida, o técnico anota e confirma os nome e números dos jogadores inscritos na súmula do jogo e a assina em seguida. Para passar instruções, formações iniciais e substituições, o técnico se relaciona com o primeiro ou segundo árbitro. Caso o técnico não esteja presente, o assistente técnico pode assumir essa função a pedido do capitão em jogo e após a autorização do primeiro árbitro.

O primeiro árbitro realiza o sorteio antes do jogo para ser escolhido o lado em que cada equipe ficará no primeiro set. O sorteio é feito na presença dos dois capitães das equipes, caso o set decisivo tiver que ser jogado, será realizado outro sorteio.

A formação das equipes indica a ordem de rotação dos jogadores em campo, devendo ser acatada durante o set. Antes do início da partida, o técnico deve apresentar a formação inicial numa ficha de formação, devendo ser devidamente preenchida e assinada e ser entregue ao segundo árbitro.

Existem dois tipos de categorias: base e master, cada uma com suas individualidades, como faixa etária, medidas da piscina e altura da rede. As categorias base são: pré-mirim, mirim, infantil, infanto juvenil, júnior e adultos/sênior. As categorias máster são especiais I, II e III.

- pré-mirim – nove/dez/onze anos. Piscina com comprimento de 6m, largura de 3m, profundidade de 1,10 a 1,20 m e altura da rede de 1,90m feminino e 2m masculino;
- mirim- doze/treze anos. Piscina com comprimento de 6m, largura de 3m, profundidade de 1,10 a 1,20 m e altura da rede de 1,90m feminino e 2m masculino;
- infantil – quatorze/quinze anos. Piscina com comprimento de 8m, largura de 4m, profundidade de 1,20 a 1,30m e altura da rede de 2,20m feminino e 2,40m masculino;
- infanto juvenil – dezesseis/dezessete anos. Piscina com comprimento de 8m, largura de 4m, profundidade de 1,20 a 1,30m e altura da rede de 2,20m feminino e 2,40m masculino;
- juvenil – dezoito/dezenove anos. Piscina com comprimento de 8m, largura de 4m, profundidade de 1,20 a 1,30m e altura da rede de 2,35m feminino e 2,60m masculino;
- júnior – vinte/vinte e dois anos. Piscina com comprimento de 8m, largura de 4m, profundidade de 1,20 a 1,30m e altura da rede de 2,35m feminino e 2,60m masculino;
- adultos/sênior - acima de vinte e três anos. Piscina com comprimento de 8m, largura de 4m, profundidade de 1,20 a 1,30m e altura da rede de 2,40m feminino e 2,63m masculino;
- master I – quarenta a quarenta e quatro anos. Piscina com comprimento de 8m, largura de 4m, profundidade de 1,20 a 1,30 m e altura da rede de 2,40 feminino e 2,63 masculino;

- master II – quarenta e quatro a quarenta e nove anos. Piscina com comprimento de 8m, largura de 4m, profundidade de 1,20 a 1,30 m e altura da rede de 2,35m feminino e 2,60m masculino;
- master III – cinquenta anos a cima. Piscina com comprimento de 8m, largura de 4m, profundidade de 1,20 a 1,30 m e altura da rede de 2,30m feminino e 2,57m masculino.

Os fundamentos são: saque, recepção ou passe, levantamento, ataque, bloqueio e defesa.

- saque – é onde se inicia o jogo, pode ser realizado através de um lanceado com uma mão na bola, duas mãos, ou qualquer parte do braço, chamado saque por cima, com intuito de fazer a bola ultrapassar para o lado adversário, dentro da área delimitada;
- recepção ou passe – a bola pode ser tocada por uma ou duas mãos, ou qualquer outra parte do corpo, inclusive os pés;
- levantamento – pode ser realizado com um toque por baixo, por cima ou de lado, sendo executado com as duas ou apenas uma mão, desde que não seja segurado por quem está executando a ação.
- ataque – pode ser realizado com a mão aberta ou fechada, com os dedos ligados ou separados, dirigindo a bola de cima para baixo, desde que o atleta não segure a bola para fazê-lo, e não pode ser levada de trás para frente;
- bloqueio - consiste em tentar impedir que a bola tocada pelo adversário caia na seu lado, podendo ser realizado com uma ou duas mãos;
- defesa - pode contar com o apoio na borda da piscina, com um dos braços, mesmo sendo o último toque.

3. O BIRIBOL COMO ATIVIDADE DE INCLUSÃO DOS SURDOS NA ESCOLA E NO ESPORTE

As adaptações feitas no biribol foram criadas para atender ao público paradesporto, surgindo oficialmente no dia vinte e cinco de janeiro de dois mil e dezoito pelo professor Marcelo Gualberto Sarmiento Chagas, na cidade de Maceió, Alagoas. Para facilitar a prática por tal público, foram criadas algumas adaptações nas regras. Os fundamentos são os mesmos do biribol convencional, podendo ser praticado de forma lúdica ou de alto rendimento. No entanto, os benefícios da prática do biribol adaptado consistem nos mesmos praticados pelo biribol convencional.

Ainda não existem as devidas adaptações para os surdos. Portanto, assim como as adaptações são criadas para atletas paradesportos para incluí-los no esporte, elas podem e devem também ser criadas para que atendam os surdos, como por exemplo, substituição de sinais sonoros por sinais visuais. A arbitragem pode usar sinaléticas, com o auxílio de bandeiras, faixas, sinais luminosos, além da comunicação em LIBRAS. Dessa forma, o surdo consegue visualizar qualquer intervenção feita pelo árbitro e entende o que está sendo aplicado naquele momento, podendo acompanhar toda a movimentação do jogo com total autonomia.

Sabendo da importância e benefícios do biribol, compreende-se que é um esporte que pode ser aplicado também nas escolas, pois contribui para o desenvolvimento social, pessoal, emocional e psicológico dos alunos, mas infelizmente nossa realidade não nos favorece, pois, a maioria das escolas públicas não possuem ambiente adequado para práticas aquáticas.

A Constituição brasileira recomenda a obrigatoriedade do Estado sobre a educação, pois não compete às instituições educativas fazer qualquer tipo de distinção ou discriminação. Em 1824 a Constituição no Brasil analisou que o acesso à educação primária deveria ser gratuito para todos os cidadãos. A partir de 1934, esse acesso passou a ser entendido não somente como gratuito, mas também como um direito de todos, dividindo essa responsabilidade entre família e o Estado

Somente com a publicação da Constituição de 1988 a educação passou a ser entendida como direito fundamental e universal, tornando uma obrigatoriedade ao Estado de adaptar acesso a todos. Ela fez repensar sobre a educação e determinou novos princípios orientadores da educação nacional.

Com o isolamento social gerado pela pandemia da COVID 19, vimos o nosso trabalho, de certa forma, ficar comprometido pela suspensão das atividades

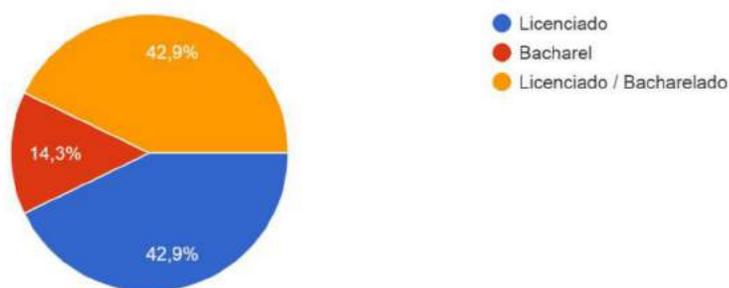
presenciais que eram desenvolvidas semanalmente nas escolas. Diante disso, percebemos a necessidade de adaptar nossa pesquisa.

Diante deste fato, face à pandemia da COVID 19, fomos a campo de forma adaptada. Organizamos um questionário semiestruturado a partir do dispositivo gratuito tecnológico Google Forms e encaminhamos a vários professores de educação física em grupos de compartilhamento de informações e notícias e de educação física. Tivemos o retorno de 28 (vinte e oito) professores de todas as regiões do estado de Goiás.

Segue abaixo nossa análise diante das respostas às perguntas feitas no questionário.

Gráfico 1 - (pergunta 01)

Pergunta 1: Você é professor de educação física licenciado ou bacharel?
28 respostas

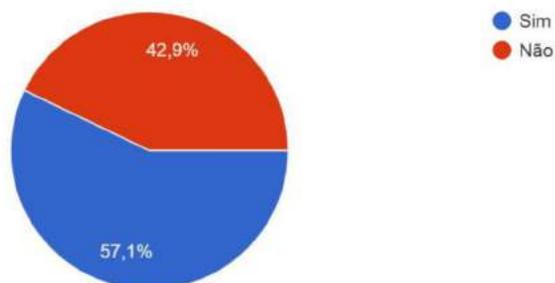


Fonte: elaborado pelo autor.

Tratando a questão apresentada acima, tivemos envolvimento de 42,9% de professores de educação física licenciados, 42,9% bacharel e 14,3% de professores licenciado/bacharelado em educação física.

Gráfico 2 - (pergunta 02)

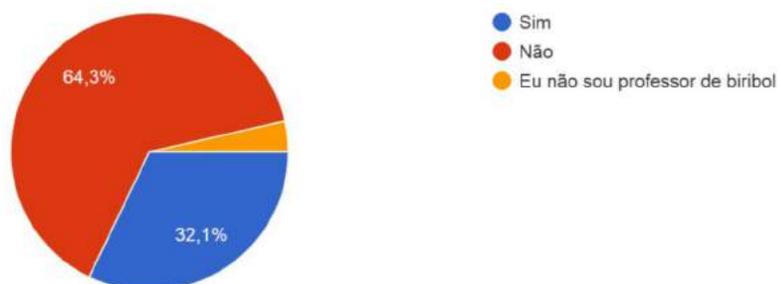
Pergunta 2: Você como professor de educação física, conhece a modalidade biribol?
28 respostas



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 3 - (pergunta 03)

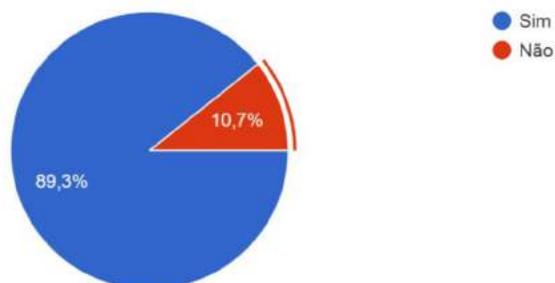
Pergunta 3: Você como professor de educação física, conhece as regras do biribol?
28 respostas



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 4 - (pergunta 04)

Pergunta 4: Para você é importante ensinar biribol na escola?
28 respostas

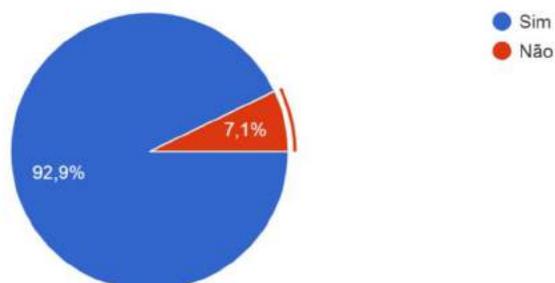


Fonte: elaborado pelo autor.

Diante as respostas apresentadas, a maioria dos professores conhecem a modalidade, as regras e acham importante trabalhar o biribol em suas aulas, uma vez que percebem a importância do esporte nas escolas.

Gráfico 5 - (pergunta 05)

Pergunta 5: O biribol pode melhorar o desenvolvimento dos alunos em relação as outras atividades?
28 respostas



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 6 - (pergunta 06)

Pergunta 6: Você como professor, acha que é importante motivar os alunos a participarem das aulas práticas?

29 respostas

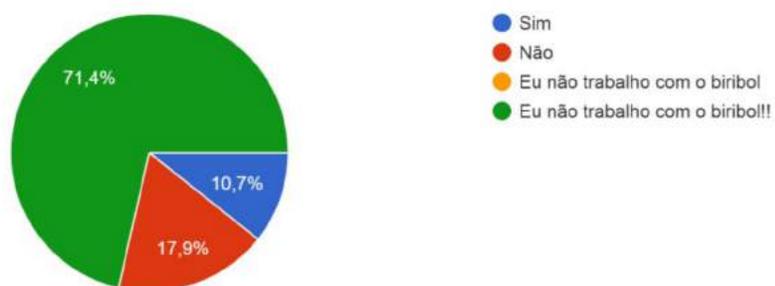


Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 7 - (pergunta 07)

Pergunta 7: Já teve dificuldades em trabalhar o biribol com os alunos?

28 respostas

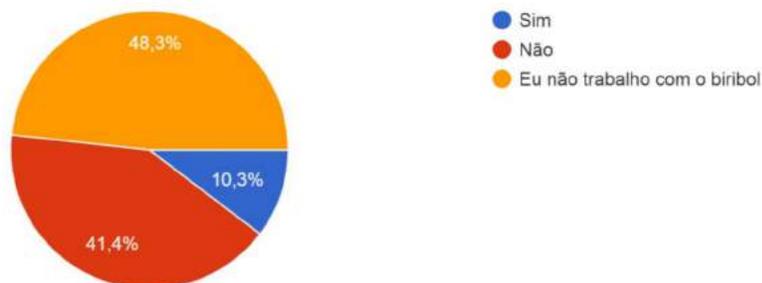


Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 8 - (pergunta 08)

Pergunta 8: Na unidade de ensino que você trabalha, ou trabalhou, tem estrutura e materiais necessários para realizar o ensino do biribol?

29 respostas



Fonte: elaborado pelo autor.

Pergunta 9: Liste quais as dificuldades encontradas no ensino e para o ensino do biribol. Transcrição das respostas:

28 respostas

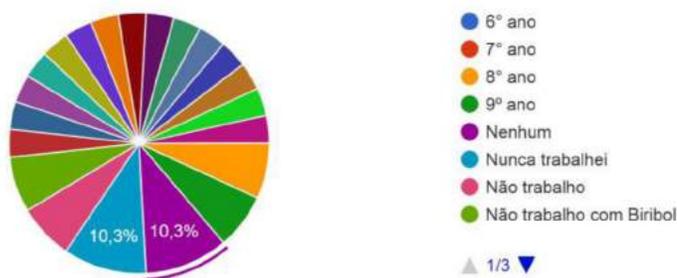
- Prof 1 - Não trabalho.
- Prof 2 - Não trabalho com biribol.
- Prof 3 - Não trabalho.
- Prof 4 - Penso ser necessário mais conhecimento e estudo sobre.
- Prof 5 - A piscina.
- Prof 6 - Não trabalho com o biribol. Esporte pouco difundido e principalmente porque precisa de uma piscina.
- Prof 7 - Espaço adequado à prática do biribol.
- Prof 8 - Materiais, espaço e maior difusão da prática (não conhecia, até o momento de responder este questionário).
- Prof 9 - Não.
- Prof 10 - Não utilizo biribol em minhas aulas.
- Prof 11 - Nunca ensinei biribol.
- Prof 12 - Estrutura.
- Prof 13 - Mais incentivo por parte da Direção, horários mais livres na Escola, Formação de mais Professores e a inclusão da modalidade nos Jogos Estudantis.

- Prof 14 - Piscina!
- Prof 15 - 1) preciso de conhecimento e aprendizado, 2) preciso de materiais.
- Prof 16 - Não encontro dificuldades.
- Prof 17 - Não conheço.
- Prof 18 - falta de estrutura.
- Prof 19 - Ainda não apliquei!
- Prof 20 - Ainda não trabalho com biribol.
- Prof 21 - Eu não trabalho com o biribol.
- Prof 22 - Ainda não tive essa experiência.
- Prof 23 - Recursos materiais e mais referências sobre o esporte. Nem em minha formação eu tive essa informação. Mas esta pesquisa está sendo valiosa e certamente irei adaptar e aplicar em minhas aulas. O conhecimento é muito importante!
- Prof 24 - Primeira delas é conhecer a modalidade.
- Prof 25 - Piscina!
- Prof 26 - Espaço adequado à prática do biribol.
- Prof 27 – Material.
- Prof 28 – Não.

Diante da porcentagem dos gráficos e respostas, os profissionais de educação física que trabalham com o biribol acham importante sua prática e desenvolvimento nas escolas, porém encontram dificuldades em ensiná-lo devido a falta de estrutura e recursos materiais.

Gráfico 9 - (pergunta 10)

Pergunta 10: Você trabalha, ou trabalhou o biribol em qual ano?
29 respostas



Pergunta 10: Você trabalha, ou trabalhou o biribol em qual ano?

29 respostas



Pergunta 10: Você trabalha, ou trabalhou o biribol em qual ano?

29 respostas

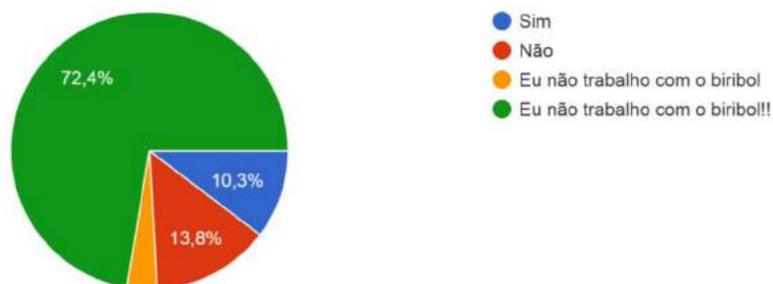


Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 10 - (pergunta 11)

Pergunta 11: Todos os alunos participam ou participaram das aulas práticas do biribol?

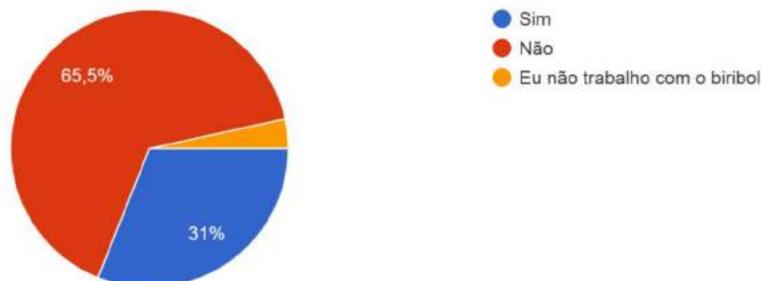
29 respostas



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 11 - (pergunta 12)

Pergunta 12: Você trabalha com as regras esportivas fixas?
29 respostas



Fonte: elaborado pelo autor.

Analisando a porcentagem das respostas, não são todos os alunos que participam ou participaram das aulas práticas de biribol, mesmo os professores flexibilizando as regras para um melhor entendimento e facilitando a prática. Pode ser que isso aconteça devido a falta de recursos materiais e estrutura, ocasionando falta de interesse em participar.

Pergunta 13: Com suas palavras, qual a metodologia você utiliza ou utilizaria para trabalhar o biribol? Transcrição das respostas:

28 respostas

- Prof 1 - Não trabalho.
- Prof 2 - Metodologia de Divisão em Fundamentos Básicos.
- Prof 3 - No nível escolar, passar os fundamentos e o jogo em si através de atividades lúdicas e desafios.
- Prof 4 - Eu reconheço a importância dessas propostas pouco comuns nas aulas de Educação Física e gostaria de conhecer mais sobre o Biribol para ter essa experiência.
- Prof 5 - Quando eu for trabalhar, vou utilizar boas referências com imagens e vídeos, depois aplicarei atividades lúdicas preparatórias para, em seguida, aplicar o conceito do jogo para finalmente aplicá-lo com todas as regras. Falarei e questionarei sobre os impactos sociais e psicológicos que essa atividade pode proporcionar!

- Prof 6 - Dividiria em dois times e explicaria que o biribol é jogado como um vôlei na água.
- Prof 7 - Eu não trabalho com o biribol.
- Prof 8 - Ainda não trabalho com biribol.
- Prof 9 - Não trabalho com o biribol.
- Prof 10 - Comparativa com outras modalidades e adequação a realidade dos alunos.
- Prof 11 - Procuo trabalhar todo o tipo de esporte/modalidade, mas ainda não tive a possibilidade de trabalhar o biribol, partindo do princípio de que esse esporte é praticado na piscina e onde trabalho não temos essa opção.
- Prof 12 - Lúdico recreativo.
- Prof 13 – Não.
- Prof 14 - Um trabalho adaptado entre o voleibol e o ambiente aquático.
- Prof 15 - Histórico juntamente com a prática, para conhecer melhor a prática.
- Prof 16 - Utilizaria atividades lúdicas na maioria do tempo, com predominância de exercícios globais e alguns exercícios analíticos para desenvolvimento dos principais fundamentos.
- Prof 17 - Regras fixas.
- Prof 18 - Preciso conhecer as regras e adaptá-las, a fim de criar uma metodologia voltada para a clientela a ser ensinada.
- Prof 19 - Ensino das regras e fundamentos básicos do biribol, similares ao voleibol.
- Prof 20 - Da melhor maneira, que os alunos consigam participar da atividade proposta.
- Prof 21 - Não trabalho com biribol.
- Prof 22 - Não conheço.
- Prof 23 - o método lúdico.
- Prof 24 - Utilizando a criticidade e o protagonismo dos alunos.
- Prof 25 - Não trabalho com esporte coletivo.
- Prof 26 - Jogos e brincadeiras.
- Prof 27 - Adaptado.
- Prof 28 – Não.

Diante das respostas, a maioria dos professores utilizam ou utilizariam a teoria, com o auxílio de imagens e vídeos, e na prática, aplicam a ludicidade, comparações

entre o voleibol e o biribol, ensino das regras e fundamentos básicos do biribol e adaptações para o ambiente de ensino.

Pergunta 14: Você trabalha o biribol em suas aulas de educação física de que forma? Transcrição das respostas:

28 respostas

- Prof 1 - Não trabalho.
- Prof 2 - Não trabalho com biribol.
- Prof 3 - Com os fundamentos e com a prática do jogo.
- Prof 4 - Eu trabalho como uma modalidade esportiva da Escola.
- Prof 5 - Ainda estudante de ed física.
- Prof 6 - Ainda não tive esta experiência.
- Prof 7 - Quando eu for trabalhar vou adaptar, pois no meu colégio não há piscina, mas eu trabalho vários esportes, mostrando o conceito!
- Prof 8 - Não utilizo.
- Prof 9 - Eu não trabalho com o biribol.
- Prof 10 - Ainda não trabalho com biribol.
- Prof 11 - Em uma chácara em um evento com os alunos.
- Prof 12 - Não trabalho ainda, mas se receber informações que me ajudem a adaptar o esporte ao meu espaço de trabalho com certeza ele será inserido em meu conteúdo.
- Prof 13 - Não.
- Prof 14 - Infelizmente não... face não termos piscina na escola... e não nos deixarem buscar parcerias!!!
- Prof 15 - Não dou aula de educação física.
- Prof 16 - nunca trabalhei com essa modalidade.
- Prof 17 - Não Trabalho.
- Prof 18 - Ainda não trabalho a modalidade.
- Prof 19 - Forma teórica, pois, não disponibilizamos de piscina para a sua vivência prática!
- Prof 20 - Não trabalho, minha realidade escolar é bem diferente.
- Prof 21 - Não conheço.
- Prof 22 - não trabalho.
- Prof 23 - Não trabalhei ainda.
- Prof 24 - Utilizando a criatividade.

- Prof 25 - Não trabalho com esporte coletivo.
- Prof 26 - Jogos e brincadeiras.
- Prof 27 – Adaptado.
- Prof 28 – Não.

Dada as respostas, muitos não trabalham com o biribol devido a realidade do ambiente escolar. Já os que trabalham, partem da teoria demonstrando os fundamentos e fazem adaptações para a realização das aulas.

Portanto, percebe-se a necessidade de incluir o biribol nas escolas, mesmo com as dificuldades encontradas na nossa realidade do meio escolar, visto que é uma modalidade que atende várias necessidades e contribui para o desenvolvimento pessoal, social, psicológico, e é flexível a adaptações, facilitando sua prática e, em nosso caso, proporcionando um esporte às pessoas com deficiência auditiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, propusemos apresentar a modalidade biribol e estabelecer uma proposta sobre inclusão dos surdos nas escolas, com o intuito de perceber a necessidade que os surdos têm de conhecer tal modalidade como uma alternativa para o lazer e recreação.

Com essa pesquisa, chegamos a conclusão que, o biribol ainda não é tão conhecido e divulgado, tanto dentro como fora das escolas, fato que se dá por motivos da nossa precária realidade escolar, como ambiente inadequado para práticas aquáticas e falta de recursos materiais. Nosso grande objetivo com a modalidade de biribol é apresentar que as mudanças são urgentes e compreendem diversos aspectos, como a reestruturação física das escolas, com remanejamento de barreiras arquitetônicas e introdução de recursos e de tecnologias assistivas.

Partindo dessa análise, os desafios da educação inclusiva são vários, pela presença das necessidades que intervêm de maneira significativa no processo de aprendizagem estabelecendo uma maneira educativa particular da escola, mas a fim de exercer a inclusão, de fato, e garantir o aprendizado de todos os alunos na escola, vimos que é necessário, primeiramente, fortalecer a formação do corpo docente e incentivar uma grande rede de apoio entre alunos, professores, famílias, gestores escolares e profissionais de saúde que são responsáveis pelas crianças com necessidades educacionais especiais.

Ao analisarmos os questionários, verificamos que existem barreiras que impedem o acesso à educação plena por parte de alguns alunos. Tais adversidades estão relacionadas a diversas variáveis e dimensões da escolarização, inclusive o impedimento na ação dos próprios educadores. Os desafios vão muito além de receber a matrícula de alunos com deficiência e necessidades educacionais especiais. Com base nisso, é necessário, também, fornecer condições para a operacionalização de um projeto pedagógico inclusivo e espaços adaptados para inclusão. A inclusão dos alunos deve garantir a eles o acesso à escolaridade através de todas as possibilidades de desenvolvimento que a rede de ensino possa oferecer.

Além disso, é preciso investir na oferta de profissionais especializados em ensino especial (em nosso caso específico com as práticas aquáticas - biribol) e compreender que a incorporação desses serviços na rede de ensino deve vir em

conjunto com o planejamento da grade, a organização escolar, a avaliação do ensino e a reestruturação física e com parcerias com clubes e associações para disponibilizar a prática aquática.

Outro fator muito importante diz respeito à capacitação dos professores para exercer a educação inclusiva (em nosso caso o biribol). A revolução no método de ensino dentro das escolas só pode ocorrer mediante a presença de educadores preparados para atender aos alunos com necessidades especiais. Nesse sentido, a formação continuada, através de cursos de educação inclusiva, cursos de LIBRAS e também de braile, tem papel fundamental na prática profissional.

Por fim, ficou nítida a importância e os benefícios que as práticas aquáticas (BIRIBOL) adaptadas aos surdos traz para seus praticantes, visto que contribui para a inclusão, desenvolvimento pessoal, social, motor, psicológico, emocional, bem estar e autonomia dos surdos. Mas ficamos na falta de estrutura e busca de alternativas pelos profissionais de educação física junto as suas escolas.

REFERÊNCIAS

AMANCIO, C. L.; PEREIRA, F. R.; PASCINI, L. L.; ALVES, V. M.; SANTOS, M. M. S.; ALVARENGA, Y. H. X.; OLIVEIRA, M. C.; PINTO, S. G. *Ludicidade e Educação de Surdos: uma experiência com o Voleibol adaptado*. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/136309.pdf>>. Acessado em: 12 jun. 2020.

ANFILO, M.A. *A prática pedagógica do treinador da seleção brasileira masculina de voleibol: processo de evolução tática e técnica na categoria infanto-juvenil*. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina.

BIZZOCCHI, C. *O voleibol de alto nível: da iniciação à competição*. Barueri: Manole, 2004.

BULGARELLI, Pedro Luiz. *Metodologia do ensino do voleibol*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BIRIBOL. *Regras oficiais de Biribol*. Disponível em < <https://biribol.com.br/livro-de-regras/>> Acessado em: 16 ago. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. *Regras oficiais de Voleibol, 2017-2020*. Rio de Janeiro, 2016.

CRUZ JUNIOR, Epaminondas Rodrigues da; VALVERDE, Clodoaldo. *Sinalética para deficientes auditivos no futsal*. REPPE- *Revista de Produtos Educacionais e Ensino* v. 3, n. 2, p. 55-84, 2019.

CUCIO, Ronei Magalhães. *Progressões Pedagógicas para a aprendizagem dos fundamentos básicos do voleibol no ensino fundamental*. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. *Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2014*. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). ISBN 978-85-8015-080-3. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_edfis_artigo_ronei_magalhaes_cuciopdf>. Acessado em: 12 jun. 2020.

DUARTE, Orlando, Senac, *História dos Esportes*. São Paulo: 2003 - 560p. ISBN 8573593636, 9788573593631.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. PESQUISA QUANTITATIVA E QUALITATIVA: PERSPECTIVAS PARA O CAMPO DA EDUCAÇÃO. *Revista Mosaico*. v. 8, n. 2, p. 173-182, jul./dez. 2015.

IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. LIVRO DIDÁTICO COMO TECNOLOGIA EDUCACIONAL: UMA PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO COLETIVA PARA A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CONTEÚDO VOLEIBOL Rio Claro – SP, 2012. Tese (DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS). Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista.

IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. DARIDO, Suraya Cristina. SISTEMATIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS DO VOLEIBOL: POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Universidade Católica de Brasília - DF – UCB. Revista Brasileira Ciência & Movimento. 2011. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/2773>> Acessado em: 20 ago. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003

LEITE, Vandinaldo Ribeiro. *A utilização da tecnologia através do sistema somatossensorial na prática do voleibol para surdos*. 2017. 48p. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

LIGA NACIONAL DE BIRIBOL. Livro de Regras – BIRIBOL. Disponível em: <<https://liganacionaldebiribol.com.br/regras/>> Acessado em: 16 ago. 2020.

MARQUES JUNIOR, Nelson Kautzner. *História do voleibol no Brasil e o efeito da evolução científica da educação física brasileira nesse esporte*, EFDeportes.com, n.º 170, jul 2012.

MEZZAROBA, Cristiano & PIRES, Giovani de Lorenzi. *Breve Panorama Histórico do Voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva*, Ativ. Fis., Lazer & Qual. Vida: R. Educa. Fis. v. 2, n. 2, p. 3-19, jul/dez, 2011.

NASCIMENTO, L. C. R. (2006). *Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier*. ETD -Educação Temática Digital, 7(2), 255-265. Disponível em <<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101756>> Acessado em 23 jul 2020.

SÁ TELES, Felipe Van Basten Quinteiro. A importância do voleibol enquanto conteúdo das aulas de Educação Física do 6º ao 9º ano. EFDesportes Revista Digital. Buenos Aires – Ano 19 – Nº 194 – Julho de 2014. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd194/a-importancia-do-voleibol-enquanto-conteudo.htm> Acessado em: 12 mai. 2020.

SANTOS, S. C. dos, Neto, DaCosta, L. P., Bastos, F. C., & Mataruna, L. (2014). Brasil Olímpico: Um ensaio crítico sobre a política esportiva voltada para RIO 2016.

VIEIRA, Lenamar Fiorese; VISSOCI, João Ricardo Nickenig; OLIVEIRA, Leonardo Pestillo de; VIEIRA, José Luiz Lopes. *Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia*, 2010.

A N E X O S

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO

=>Transcrição do texto do "GOOGLE FORMS"

Biribol Modalidade de Lazer para Surdos

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Como docente de Educação Física, você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de clicar em aceitar participar da pesquisa, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

*Justificativa e objetivos:

Apresentar a prática do Biribol e estabelecer uma proposta sobre a inclusão dos surdos no lazer e recreação.

*Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a:

1. Responder questionário virtual sobre a prática do Biribol na Educação Física.
2. O questionário pode ser respondido a partir de aparelhos celulares ou computador, com total garantia do sigilo da sua identidade.

*Desconfortos e riscos:

Você não deve participar deste estudo caso não seja professor de Educação Física. Um dos riscos possíveis para o desenvolvimento da presente pesquisa será seu desconforto com o tempo tomado para responder o questionário. Caso se sinta desconfortável com qualquer pergunta, você pode interromper seu preenchimento.

*Benefícios:

Os benefícios da pesquisa envolvem a promoção de conhecimentos sobre a prática ou não do Biribol em escolares da Educação Básica, em especial os surdos que frequentam aulas de Educação Física.

*Acompanhamento e assistência:

O pesquisador se responsabiliza por acompanhar o desenrolar da pesquisa e estará disponível para esclarecimentos sobre a mesma antes, durante e depois dos procedimentos aplicados.

*Sigilo e privacidade:

Você tem a total garantia de que sua identidade e de seu local de trabalho será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores.

Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado, assim como o local de seu trabalho.

*Ressarcimento e Indenização:

Não haverá gastos para participar da pesquisa, pois não há custos para recebimento e preenchimento do questionário. Ou seja, não é necessário investir qualquer custo para participar desta pesquisa, e nem há a necessidade do ressarcimento pela sua participação. Em casos de danos decorrentes do estudo o participante não tem direito à indenização.

*Contatos:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores:

=> Marcelo Galdino - Professor de Educação Física da Faculdade Inhumas FACMAIS

- e-mail: marcelo@facmais.edu.br

=> Epaminondas Rodrigues da Cruz Jr - Professor de Educação Física - e-mail:

junior6285119493@gmail.com

=> Magdyelly Marques dos Santos - Acadêmica de Educação Física - e-mail:
magdyelly@aluno.facmais.edu.br

*O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Destacamos que de acordo com a Resolução n 510, de 07 de abril de 2016, em seu artigo 1 que dispõe sobre as normas aplicadas em Ciências Humanas e Sociais: "não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP\CONEP I -pesquisa de opinião pública com participantes não identificados", assim como o inciso VII - "pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito".

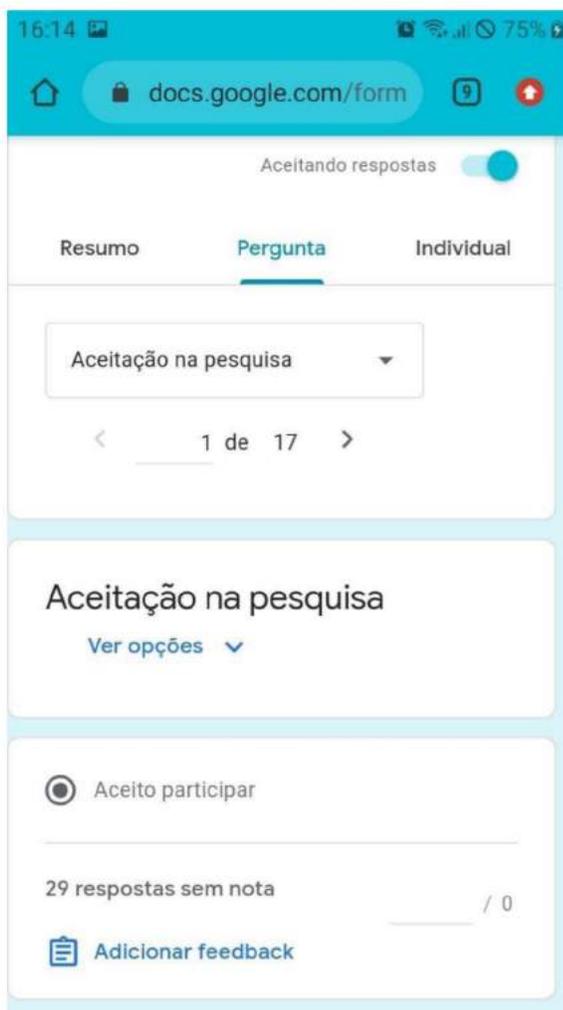
*Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa envolver, CASO TENHA INTERESSE EM PARTICIPAR, clique em "aceito participar".

Desde já agradecemos!!!

ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO

- Pergunta 1: Você é professor de educação física licenciado ou bacharel?
- Pergunta 2: Você como professor de educação física, conhece a modalidade biribol?
- Pergunta 3: Você como professor de educação física, conhece as regras do biribol?
- Pergunta 4: Para você é importante ensinar biribol na escola?
- Pergunta 5: O biribol pode melhorar o desenvolvimento dos alunos em relação as outras atividades?
- Pergunta 6: Você como professor, acha que é importante motivar os alunos a participarem das aulas práticas?
- Pergunta 7: Já teve dificuldades em trabalhar o biribol com os alunos?
- Pergunta 8: Na unidade de ensino que você trabalha, ou trabalhou, tem estrutura e materiais necessários para realizar o ensino do biribol?
- Pergunta 9: Liste quais as dificuldades encontradas no ensino e para o ensino do biribol.
- Pergunta 10: Você trabalha, ou trabalhou o biribol em qual ano?
- Pergunta 11: Todos os alunos participam ou participaram das aulas práticas do biribol?

ANEXO 3 - FOTO GOOGLE FORMS

16:14 75%

docs.google.com/form

Aceitando respostas

Resumo Pergunta Individual

Aceitação na pesquisa

< 1 de 17 >

Aceitação na pesquisa

Ver opções

Aceito participar

29 respostas sem nota / 0

Adicionar feedback

FONTE: <https://docs.google.com/forms/d/1zGYHFnVr5Lb4eLfVz-gFRliNzWk0GTVhSHu0SqgleWQ/edit#question=177119432&field=707656301>